
Revista de História e Memória mantida por grupos de pesquisa em História sediados nas universidades federais do Rio Grande do Norte (UFRN) e de Sergipe (UFS) e nas universidades Regional do Cariri (URCA) e do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)



Fabio Mascaro Querido | Imagem: [Agência Fapesp](#)

Marxismo Acadêmico Paulista

Resenha de *Lugar periférico, ideias modernas: aos intelectuais paulistas, as batatas*, de Fabio Mascaro Querido

Recebido em 15/04/2025 e publicado em 20/07/2026

Daniel Costa (UNIFESP)

Resumo: A resenha analisa *Lugar periférico, ideias modernas: aos intelectuais paulistas, as batatas* (2024), de Fabio Mascaro Querido. A obra objetiva examinar o marxismo acadêmico paulista, seu auge crítico e declínio diante do neoliberalismo. Como negativos, destaca-se o recorte paulistano, a pouca atenção às condições materiais e o limite temporal. Entre os positivos, a análise equilibrada e original da periferia como chave crítica.

Palavras-chave: intelectuais paulistas; marxismo acadêmico; neoliberalismo.

Esta resenha analisa a obra *Lugar periférico, ideias modernas: aos intelectuais paulistas, as batatas* (2024), de Fabio Mascaro Querido, que investiga a trajetória do chamado "marxismo acadêmico" vinculado à Universidade de São Paulo (USP) entre as décadas de 1960 e 1990. Seu objetivo central é demonstrar que essa tradição representou, simultaneamente, o "auge e o declínio" de um pensamento crítico original: capaz de diagnosticar as contradições do capitalismo a partir do lugar periférico, mas que sucumbiu às pressões da globalização neoliberal nos anos 1990.



O livro é resultado de uma tese de livre-docência defendida na Unicamp. A obra examina como esse grupo, integrado por nomes como Fernando Henrique Cardoso, José Arthur Giannotti, Roberto Schwarz, Francisco Weffort e Francisco de Oliveira, moldou as interpretações sobre a modernidade periférica brasileira, influenciando desde a resistência à ditadura militar até as formulações políticas da redemocratização. Estruturado em seis capítulos (o último dedicado às considerações finais), a obra é aqui resenhada sob três movimentos: a gênese do marxismo acadêmico paulista e seu diálogo com as teorias da dependência; as bifurcações políticas do grupo, especialmente após a redemocratização; e o legado epistemológico da periferia como chave para repensar a crise contemporânea.

O núcleo da análise de Querido reside no "Seminário d'O Capital" (1958), coordenado por Fernando Henrique Cardoso e José Arthur Giannotti na USP, que constituiu um marco fundador do chamado "marxismo acadêmico paulista". Reunindo jovens intelectuais como Roberto Schwarz, Octavio Ianni, Francisco Weffort, Fernando Novais e Paul Singer, o seminário buscava uma leitura não dogmática de Marx, distinta tanto da ortodoxia do PCB quanto do nacionalismo desenvolvimentista do ISEB e da CEPAL. Propunha uma interpretação dialética que articulasse as particularidades periféricas do Brasil à dinâmica global do capitalismo, sustentando que o subdesenvolvimento não era um "atraso", mas um produto intrínseco do capitalismo global — ideia que ecoava a teoria da dependência. O seminário não apenas consolidou uma metodologia crítica inovadora, como também lançou as bases para uma geração que, nas décadas seguintes, influenciou profundamente os debates políticos e acadêmicos do país, especialmente durante a resistência à ditadura civil-militar (1964-1985) e no processo de redemocratização.

No entanto, como demonstra o autor, essa vertente logo se dividiu entre duas tendências. A primeira, liderada por Cardoso e Giannotti, progressivamente abandonou a perspectiva marxista em favor de uma sociologia política mais pragmática, o que culminou na adesão ao neoliberalismo nos anos 1990. A segunda, mais crítica, representada por Schwarz, Paulo Arantes e Francisco de Oliveira, manteve a perspectiva dialética e a ênfase na "negatividade" da periferia. Querido destaca o paradoxo dessa trajetória: o mesmo grupo que, nos anos 1970, produziu análises sofisticadas sobre a ditadura e a dependência (como em *Dependência e Desenvolvimento na América Latina*, de Cardoso e Faletto) acabou por legitimar, décadas depois, o projeto neoliberal de Fernando Henrique Cardoso como presidente. A exceção foi Roberto Schwarz, cuja obra, influenciada por Adorno e Benjamin, sustentou uma crítica implacável à "modernização conservadora" brasileira. Os anos 1980 marcaram a divisão definitiva do grupo: enquanto Cardoso e Weffort migraram para o PSDB, abraçando a social-democracia liberal, outros intelectuais como Francisco de Oliveira e Marilena Chauí se alinharam ao PT, criticando a "transição pelo alto". Querido argumenta que essa divisão refletiu um impasse maior, a saber, a incapacidade da esquerda brasileira de formular um projeto alternativo ao neoliberalismo sem recair em populismos ou ortodoxias.

A eleição de Fernando Henrique Cardoso em 1994 simbolizou, para o autor, o "fechamento do horizonte de expectativas" da tradição uspiana. Seu governo não apenas implementou reformas neoliberais (como a abertura econômica e as privatizações), mas também consolidou uma visão de mundo na qual a periferia deveria se integrar subordinadamente ao capitalismo global. Em contraste, Schwarz e Oliveira insistiam na ideia de que a periferia era o lugar privilegiado para desvelar as contradições sistêmicas, tese que o livro resgata como alternativa ao presente. Na década de 1990, em meio ao avanço do neoliberalismo, parte dos intelectuais vinculados à tradição marxista da USP se organizou no Centro de Estudos de Direitos de Cidadania (Cenedic), espaço que congregou críticos do projeto liberal-conservador encampado pelo governo FHC. Liderados por Francisco de Oliveira, com destaque para Paulo Arantes e Maria Célia Paoli, esses pesquisadores mantiveram uma postura de resistência às teses hegemônicas, defendendo uma análise radical das contradições do capitalismo periférico. O Cenedic simbolizou, segundo o autor, tanto a continuidade do pensamento crítico quanto seu deslocamento para as margens do debate público em um cenário de refluxo das utopias revolucionárias, refletindo a fragmentação da esquerda paulista entre os "adaptados" ao novo contexto e os "resistentes" que, mesmo marginalizados, produziram reflexões fundamentais sobre a crise brasileira, como a tese do "Brasil como dialética negativa em ato", elaborada por Roberto Schwarz.

Embora seja um estudo ambicioso e bem documentado, a obra apresenta algumas limitações que merecem registro. A primeira delas é o recorte deliberadamente paulistano, opção legítima do ponto de vista metodológico, mas que resulta em uma história intelectual que privilegia a experiência uspiana em detrimento de outras tradições igualmente relevantes, dando a impressão de que o pensamento crítico brasileiro se confunde com a trajetória desse grupo específico. O próprio autor reconhece o "paulistocentrismo", mas não o problematiza suficientemente, o que enfraquece a pretensão de oferecer um panorama mais amplo do pensamento social no período. Em segundo lugar, a forte ênfase nos textos e nas tomadas de posição, característica da história intelectual, acaba subordinando as condições materiais e institucionais mais amplas que moldaram esses intelectuais. A análise das trajetórias, embora presente, cede espaço a um debate interno de ideias que, por vezes, pode soar abstrato para o leitor não especializado, deixando em segundo plano questões como o papel do financiamento estrangeiro na constituição do Cebrap, as disputas por recursos e posições no interior do campo acadêmico, ou mesmo as relações de gênero que marcaram a produção intelectual da época, como se pode inferir do tratamento dispensado a figuras como Maria Sylvia de Carvalho Franco e Gilda de Mello e Souza. Por fim, a obra concentra-se no período que vai de 1958 aos anos 1990, com breves incursões até 2013, deixando em aberto como essa tradição se desdobrou diante dos governos petistas, do impeachment de Dilma e da ascensão da extrema direita. Essa opção temporal é compreensível, mas limita seu alcance interpretativo para compreender o presente, especialmente considerando que muitos dos intelectuais analisados permaneceram ativos e produzindo reflexões relevantes sobre esses acontecimentos.

A originalidade da obra está em seu método ensaístico, que evita tanto a hagiografia quanto o revisionismo simplista. Querido não apenas descreve a trajetória dos intelectuais paulistas, mas os submete a uma "crítica imanente", mostrando como suas contradições espelham os impasses do Brasil pós-ditadura. Isso é muito diferente de interpretações que tratam essa tradição como um bloco homogêneo a ser celebrado ou descartado em bloco, pois o autor opera distinções finas entre os momentos de cada pensador, reconhecendo, por exemplo, que Cardoso produziu análises relevantes sobre a dependência antes de se converter ao neoliberalismo, ou que Schwarz, embora radical em sua crítica, tampouco

escapou de certo isolamento político, o que confere ao livro um equilíbrio interpretativo sobre o tema.

Sua tese central é que a tradição uspiana, embora em declínio político, legou um instrumental teórico indispensável: a noção de que a periferia não é um "lugar atrasado", mas um ponto de vista privilegiado para criticar o capitalismo. Essa perspectiva, presente em Schwarz (*Ao vencedor, as batatas*), Oliveira (*Crítica à razão dualista*) e Arantes (*O novo tempo do mundo*), permite reinterpretar a crise brasileira atual como parte de uma dinâmica global de financeirização e regressão democrática. Esta proposição é instigante porque, ao invés de reduzir o Brasil a um caso particular ou exótico de modernização tardia, o autor o eleva à condição de síntese das contradições do capitalismo contemporâneo, o que confere à crítica periférica um alcance universal que escapa tanto ao nacionalismo resignado quanto ao cosmopolitismo abstrato. Assim, o livro é mais do que uma história intelectual: é um diagnóstico do presente. Ao reconstruir a trajetória do marxismo acadêmico paulista, Fabio Mascaro Querido demonstra que as bifurcações desse grupo, entre adaptação e resistência, anteciparam os dilemas atuais da esquerda brasileira.

Ao final, Querido sugere que a superação do neoliberalismo exigirá resgatar o potencial crítico dessa tradição, não para repeti-la, mas para atualizá-la diante de novos desafios e isso é **coerente** pois, ao longo de toda a obra, o autor demonstra que a vertente crítica (Schwarz, Oliveira, Arantes) manteve viva uma perspectiva analítica capaz de desvelar as contradições do capitalismo periférico mesmo quando o horizonte político parecia bloqueado, de modo que a atualização desse legado se apresenta não como receita pronta, mas como condição para que a crítica não se dissipe em conformismo ou nostalgia, tal como indicam os próprios desdobramentos tardios do pensamento schwarziano.

Lugar periférico, ideias modernas cumpre o objetivo na medida em que, seu livro é um convite a repensar a democracia, a dependência e o desenvolvimento a partir da periferia, recusando tanto o universalismo abstrato quanto o localismo ingênuo. Em um momento de "desorientação geral" (como define o autor), a obra lembra que, sem uma "rememoração crítica do passado", não há futuro alternativo possível. Resta saber se as "batatas", símbolo da vitória dos adaptados, poderão ser ressignificadas pelos herdeiros da tradição negativa.

Referências

CARDOSO, Fernando Henrique; FALETTO, Enzo. *Dependência e desenvolvimento na América Latina: ensaio de interpretação sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar, 1970.

OLIVEIRA, Francisco de. *Crítica à razão dualista / O ornitorrinco*. São Paulo: Boitempo, 2003.

QUERIDO, Fabio Mascaro. *Lugar periférico, ideias modernas: aos intelectuais paulistas, as batatas*. São Paulo: Boitempo, 2024.

SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor, as batatas: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro*. São Paulo: Duas Cidades/Editora 34, 2000.

Sumário de *Lugar periférico, ideias modernas: aos intelectuais paulistas, as batatas*.

Introdução

1. Uma genealogia intelectual paulista
2. A revanche dos paulistas
3. À procura do Brasil: golpe e exílio em Roberto Schwarz
4. Anos 1980: a década que não estava perdida
5. O espectro neoliberal: adaptados e resistentes
6. Considerações finais: ainda os intelectuais e a política

Bibliografia

Sobre o autor

Resenhista



Daniel Costa é mestre em História pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). Entre outros trabalhos, publicou: [Corrupção, corruptores e contrabando](#): uma discussão historiográfica sobre práticas ilícitas na América Portuguesa (C. Século XVIII) (2022) e [¿Reprimir o negociar?](#) Apuntes sobre los intentos de combatir la corrupción en la capitanía de Pernambuco durante el gobierno de Luís Diogo Lobo da Silva (c. 1753-1763) (2025) . ID Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9383874655339999> ; ID ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7786-2678>; E-mail: d.silva16@unifesp.br.

Para citar esta resenha

COSTA, Daniel. Marxismo acadêmico paulista. Resenha de: QUERIDO, Fabio Mascaro. *Lugar periférico, ideias modernas: aos intelectuais paulistas, as batatas*. São Paulo: Boitempo, 2024. 288 p. *Crítica Historiográfica*. Natal, v. 6, n. 30, p. 16-20, jul. / ago., 2026.

© – Os autores que publicam em *Crítica Historiográfica* concordam com a distribuição, remixagem, adaptação e criação a partir de seus textos, mesmo para fins comerciais, desde que lhes sejam garantidos os devidos créditos pelas criações originais. (CC BY-SA).